

QUEM QUER BRINCAR COMIGO? INQUIETA PERGUNTA QUE MOBILIZA À LEITURA

Maria Laura Pozzobon Spengler¹

Eliane Santana Dias Debus²

RESUMO: O artigo investiga o livro *Quem quer brincar comigo?* (2019), de autoria de Tino Freitas e Ivan Zigg, publicado pela Editora Abacatte. Enquanto Livro-Objeto, é apresentado aqui levando em conta sua materialidade, livro cuja virada de páginas amplia-se no tamanho, mas especialmente na experiência de leitura que proporciona. Possibilidades de manuseio e experiência com a leitura do objeto também são apresentadas a partir da vivência de leitores de diferentes idades, crianças e adolescente, em momento de isolamento social durante a pandemia da Covid 19, no mês de maio de 2020, trazendo para o cenário a recepção extraclasse. O livro *Quem quer brincar comigo?* se caracteriza como livro ilustrado, ao apresentar diálogo intrínseco entre a imagem, a palavra e o objeto, um livro que contempla a brincadeira até em sua tipografia, convidando já no título o leitor a explorar suas páginas, que, ao quebrarem com a linearidade tradicional de leitura, convidam à exploração tátil, ampliando os sentidos de leitura e o do manuseio do livro. A linguagem literária constitutiva do livro, nas palavras e nas imagens convida leitores de diferentes idades a interagirem com o objeto, dando a ele significações múltiplas, a depender do repertório de cada leitor.

Palavras-chave: Livro-Objeto. Livro ilustrado. Experiência de leitura.

QUEM QUER BRINCAR COMIGO? RESTLESS QUESTION THAT MOBILIZES READING

ABSTRACT: The article investigates the book *Quem quer brincar comigo?* (2019), authored by Tino Freitas and Ivan Zigg, published by Editora Abacatte. As an Object Book, it is presented here taking into account its materiality, a book whose turn of pages expands in size, but especially in the reading experience it offers. Possibilities of handling and experience with reading the object also bring from the experience of readers of different ages, children and adolescents, in a time of social isolation during the pandemic of COVID 19, in May 2020, taking to the stage an extra-class reception. The book *Quem quer brincar comigo?* is characterized as an illustrated book, by presenting an intrinsic dialogue between the image, the word and the object, a book that contemplates the game even in its typography, inviting the reader to explore its pages in the title, which, by breaking with traditional linearity of reading, invite tactile exploration, expanding the meanings of reading and the handling of the book. The constitutive literary language of the book, in words and images, invites readers of different ages to interact with the object, giving it multiple meanings, depending on the repertoire of each reader.

Keywords: Object-book. Picture book. Reading Experience.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: lolyzinha@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9361-2051>.

² Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001), Bolsa Recém-Doutor (PPGE/UFSC 2001-2004) e Pós-doutorado na Universidade do Minho (PT). E-mail: elianedebus@gmail.com. Orcid:<http://orcid.org/0000-0003-0555-2069>.

Após cairmos dentro de um livro e voltarmos como de um sonho, o livro como objeto nos parece totalmente diferente.

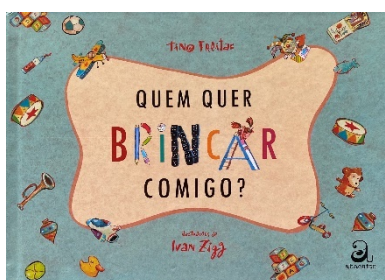
(LEE, 2012: s/p)

Introdução

A ideia metafórica, utilizada pela escritora Suzy Lee, de “cairmos” dentro do livro, como no buraco com Alice a seguir o coelho, conflui para adentrarmos no imaginário ao seguirmos os rastros da palavra, da imagem e, por que não, do objeto livro. Este é o convite que fazemos ao desenvolvermos este texto sobre o livro *Quem quer brincar comigo?*, de Tino Freitas (texto verbal) e Ivan Zigg (texto visual), publicado pela chancela da editora Abacate, tem a sua primeira edição no mercado editorial brasileiro em 2011 com segunda edição em 2019.

Na primeira edição, em 2011, o livro foi publicado em capa dura com a intenção de qualificar a mediação; em 2019, o livro sai em formato brochura, mas com um papel interno de qualidade que objetivasse o mesmo intento anterior, o de abrir o livro de modo a apresentá-lo na sua extensão, possibilitando a visualização do artefato e das imagens enquanto a narrativa é lida. No conteúdo verbal, se encontra um jogo intertextual com os contos de fadas que exige minúcias na leitura:

Figura 1: Capa do livro *Quem quer brincar comigo?*



Fonte: FREITAS, 2011, s/p.

Logo na capa, já salta aos olhos, com clareza, o convite à brincadeira na escolha da tipografia usada para a escrita de algumas letras da palavra brincar, construídas com elementos como lápis coloridos, dado, peças de dominó, a letra A, que se destaca entre as outras, elaborada no formato de um escorrega e, brincando nele com cabelos esvoaçantes, a

menina protagonista da história. A escolha da tipografia da capa dialoga com a intencionalidade da narrativa ao transformar a palavra em imagem, os autores fazem uma escolha que é “essencial para todo projeto literário, já que possibilita não apenas que cada letra seja decifrada, mas que o conjunto destas formem desenhos de palavras que otimizam a leitura a ponto de o leitor “não precisar ler” (MENEGAZZI; DEBUS, 2020, p. 35).

O livro recebeu o Selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ/2012), foi selecionado para o Programa Minha Biblioteca, da prefeitura de São Paulo (2012), e para compor o acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) para Educação Infantil no ano de 2014, o que facilitou o acesso nas instituições públicas brasileiras, trazendo o (re)conhecimento do livro por um público amplo e por consequência ao trabalho dos autores. Para além disso, são recorrentes os depoimentos sobre o uso do livro em várias redes sociais.

O convite promovido pelo título se desenrola efetivamente ao longo da narrativa quando as personagens mais inusitadas batem à porta da menina protagonista com a pergunta: Quem quer brincar comigo? Para além da pergunta, a materialidade do livro é cheia de surpresas inusitadas que levam à brincadeira e, na ilustração, vamos encontrando pistas para a descoberta da identidade dos visitantes. Linguagem verbal, linguagem visual e linguagem material se imbricam e se ramificam, levando a um mundo de possibilidades leitoras. Neste artigo, apresentamos os fios da trama/tramoia que alimenta de ludicidade a composição deste livro brincante.

Este texto se divide, em sua construção, em duas sessões: a) uma em que discutimos a arquitetura do livro-objeto que possibilita o leitor adentrar no livro brincante e b) a descrição de um evento de experiência de leitura com o livro.

Um livro brincante: um livro gigante

O ser brincante Tino Freitas nasceu no Ceará, em 1972, mas fez de Brasília sua morada desde 2009. Na cidade que tem o convite para o voo (avião que se desenha na arquitetura da capital do país), ele cria o projeto Roedores de Livros. Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, o escritor se espalhou e se multiplicou em músico, contador de histórias e mediador de leitura.

Nos 20 livros publicados por Tino Freitas até o momento, a alegria se estende pelas páginas, com uma pitada de humor e crítica social, a materialidade se faz constante. Seus livros receberam o Selo Altamente Recomendável para Crianças da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); finalistas do Prêmio Jabuti (vencedor em 2013); integrantes da seleção “Os 30 Melhores Livros no Ano”, da revista *Crescer* e do Catálogo de Bologna (FNLIJ/Feira de Bolonha).

Ivan Zigg, o ilustrador do livro, é um artista que se dedica a diferentes linguagens, plástica, musical e teatro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1959 e, em sua carreira literária, já criou e ilustrou mais de 100 livros; como técnica, usa traços fortes e coloridos e dá tom divertido às narrativas. Com livros premiados, em 2004, recebeu um prêmio Jabuti na categoria ilustração. Juntos, autor e ilustrador combinam a palavra, a imagem e o projeto gráfico do livro *Quem quer brincar comigo?* que analisaremos neste texto.

Em uma primeira mirada, o livro aparentemente tem uma construção tradicional e conduzirá o leitor linearmente para sua construção narrativa, o exemplar de capa dura, aqui explorado, mede 24,5 de comprimento por 17,5 cm de altura. Capa e quarta capa trazem desenhos de brinquedos de crianças, como piões, patinetes, patos e peixes de borracha, cubos empilháveis com letras, bolas, macacos de pelúcia, tambores, aviões e naves espaciais, tubo de tinta, cornetas e palhaços, e entre elas, um livro ilustrado, que aberto ao canto direito da capa, já antecipa a proposta de que um livro também serve para brincar. Essas imagens voltam a aparecer também na primeira folha de rosto e na página final do livro. Esse livro desenhado aparece novamente, em tamanho maior, na última página da narrativa.

A partir do momento em que é aberto, a aparência tradicional do livro logo se desconstrói, pois, ao abri-lo, o leitor perceberá que, a cada página virada/desdobrada, ele cresce, se agiganta; quando totalmente aberto, o livro passa a medir 95 cm x 68 cm. Assim como um objeto totalmente novo, o livro não pode ser “medido” em páginas, já que, para a narrativa acontecer, o miolo do livro dissolve a sequência linear que a paginação exige.

A página de créditos não traz nenhum dado que não esteja incluso na editoração. Na folha de rosto, a dedicatória “Para Pedro, Antônio e Miguel que sempre trazem uma notícia boa quando tocam a campainha” (FREITAS, 2019: s/p) e subscrita ao desenho de uma campainha, como que um convite a uma travessura: apertá-la e sair em disparada ou ficar?

Com a página virada, o leitor depara-se com mais um elemento que demarca seu papel de detetive explorador do objeto, a página da direita traz o desenho de uma lupa, que

aproxima a imagem de uma casa destacada do mapa desfocado ao fundo. A imagem da casa, do coqueiro ao lado e do sol sorridente assemelha-se àquela trazida na ilustração aberta da capa e folha de rosto do livro.

A porta é metáfora também para as páginas abertas do livro, pela personagem e pelo leitor, abri-la é ser transportado para o espaço-tempo feérico. Essa casa que se agiganta a cada apertar da campainha e a inserção de seus visitantes: 1) Tobi – o patinho pagode; 2) Salgado – o gato danado, folgado e faminto, 3) Rosado – o porquinho roliço; 4) Furacão – lobo grandão, brincalhão, bem bobão e 5) Pintada – vaca da pesada, engraçada.

O uso da onomatopeia para as personagens, o “MÚUUUU” da vaca, o “AÚUUUU” do lobo, o “RONC” do porco, o “MIAU” do gato e o “QUEIN” do pato (FREITAS, 2011 s/p), é um convite para que o leitor criança interaja e compartilhe do momento de leitura, pois o convite a repetir os sons dos animais provoca, por certo, o interesse das crianças pequenas. A temática que traz animais enquanto personagens nas narrativas produzidas para crianças é bastante comum, acreditamos que isso se dá a partir do pressuposto que as histórias assim constituídas interessam às crianças e, “ao trazer personagens animais, provocam uma identificação entre o leitor e a personagem, pois, especialmente as crianças pequenas, demonstram curiosidade acerca dos animais e suas características” (SPENGLER, 2017, p. 187). E para além da identificação subjetiva, a escolha dos animais que compõem as personagens dessa narrativa ultrapassa a esfera do cotidiano e leva ao mundo feérico.

As pistas nas ilustrações (o espelho estilhaçado do patinho Tobi) nos levam à possibilidade de encontrarmos o Patinho Feio, personagem imortalizado por Hans Christian Andersen. A aposição sonolenta, as botas e o chapéu do gato imediatamente nos levam ao personagem travesso do Gato de Botas. As peças do brinquedo para infância, que chamado de “O pequeno engenheiro”, no qual peças de madeira são empilhadas para construir casas com telhados e edifícios ao lado do personagem Rosado (o porquinho), provocam a aproximação dos Três Porquinhos, dando referência às construções das casas realizadas naquela história; o lobo que carrega uma cesta de guloseimas pode nos remeter a Chapeuzinho Vermelho e, por último, mas não menos importante, os feijões dispostos ao lado da vaca Rosada nos levam à narrativa de João e o Pé de Feijão:

Figura 2: Miolo do livro, referências de Contos de Fadas



Fonte: FREITAS, 2011, s/p.

As pistas deixadas sutilmente ao longo das ilustrações e palavras dialogam, trazendo para o contexto do livro uma ampliação de leitura, como destacam Belmiro e Almeida (2018, p. 163):

Com frequência, ilustradores deixam pistas intertextuais, e mesmo interpicturais, direcionados a leitores mais experientes, com amplo repertório de leitura. Entretanto, ainda que não sejam capazes de reconhecer as conexões intertextuais, interpicturais e os sentidos que implicam, as crianças pequenas enriquecem sua experiência leitora, pois são induzidas a observar atentamente as ilustrações, com frequência interrompendo ou fragmentando o ritmo de leitura, e a atribuir sentidos aos inúmeros detalhes.

As mesmas estudiosas descrevem o conceito de metaficção nos livros contemporâneos como sendo “Histórias dentro de histórias, livros dentro de livros, evidenciam os processos de construção das narrativas ficcionais e, nesse sentido, opõe-se à ficção realista que concebe a obra como representação fiel da realidade” (BELMIRO; ALMEIDA, 2018: p. 155). Desse modo, podemos assinalar o livro *Quem quer brincar comigo?* como um título que apresenta essa característica em sua constituição narrativa ao trazer para a história personagens de outras histórias; e também podemos destacar, ao final das páginas, a imagem de um livro aberto, mostrando ao leitor que a história que acabou de

ler também é um livro dentro de outro livro, possibilitando que a ficção se duplique e faça com quem o leia sintam-se também personagens da história.

Outra característica que nos parece bastante relevante é a mudança do tamanho e formato da letra no texto verbal, que pode ser um convite de leitura compartilhada à criança em processo de alfabetização, que reconhece primeiramente as letras em sua forma maiúscula, brincando assim com a repetição das palavras, já que todos os animais, um a um, fazem o convite: “QUEM QUER BRINCAR COMIGO?” (FREITAS, 2011: s/p).

Experiência(s) de leitura(s)

Será que é possível definirmos a escolha de um livro a partir da indicação de faixa etária? Essa pergunta é usada com certa constância pelos adultos que medeiam a leitura dos livros literários e acaba por categorizar os livros objeto como livros produzidos para crianças pequenas.

A proposta de experiência de leitura aqui apresentada se deu com crianças (e adolescente) de diferentes idades em um encontro externo ao ambiente institucionalizado da escola, e sim no espaço da casa, em período de isolamento social provocado pela pandemia do Covid 19. O ano é 2020, o mês é maio, o dia é 24, quatro crianças inquietas, enclausuradas e privadas das ações do brincar externamente se encontram com o livro *Quem quer brincar?*

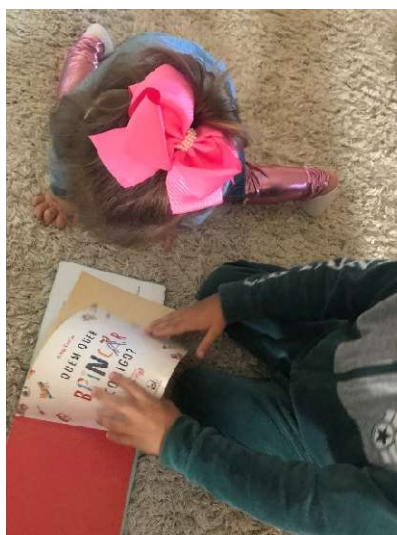
Duas meninas e dois meninos: Maria Gabriela, de um ano e 10 meses e Maria Lúcia, de 10 anos; Luca, de cinco anos e seis meses e o “intruso” João Gabriel de 14 anos, que, mesmo sem um convite explícito, se achega ao momento de descoberta, e participa também da leitura e exploração do objeto.

Não houve preocupação inicial em preparar um ambiente exclusivo para a leitura, somente o de deixar o livro ao livre acesso às crianças pequenas, as quais esperávamos que se empenhassem à leitura, e ficar observando as inferências sobre os textos verbal e imagético da narrativa e os modos de cada uma lidar com o objeto que ia se abrindo à sua frente.

Inicialmente, as pesquisadoras elaboraram a hipótese de que a leitura seria inicialmente realizada por Luca, pois pressupunham que a ele interessaria a narrativa, por estar em processo de alfabetização e ter curiosidade com o objeto a ele apresentado, visto que, já havia tido contato anterior com outros livros-objeto e sempre mostrou envolvimento na exploração e leitura desses livros.

O que não esperávamos é que a exploração do objeto e a sua leitura convocassem também outros leitores maiores que circulavam no mesmo espaço, como o menino João Gabriel, mais velho que as outras crianças. A leitura então se ampliou, se agigantou, assim como o livro. Quem inicia a brincadeira leitora é Luca e Maria Gabriela, ele explorando o livro e ela atenta, sentada ao seu lado, mas logo começa a também ampliar a possibilidade de vivenciar pela leitura tátil a sua relação com o livro, e se excita, dando pulos ao redor do livro quando descobre o tamanho que ele pode alcançar.

Figura 3: Luca e Maria Gabriela em sua primeira exploração com o livro.



Fonte: Acervo das autoras.

A primeira leitura é sempre de reconhecimento, e as inferências de Luca estão fixadas na descrição dos elementos que são mostrados em cada uma das viradas e aberturas de páginas. Mas a leitura vai imprimindo outras significações quando reiniciada, quando o reconhecimento do todo se amplia. E o livro *Quem quer brincar comigo?* convida os leitores para essas novas inserções, já que, próximo do final, convida quem está lendo a também participar da brincadeira quando, ao ouvir a campainha tocando novamente, as personagens perguntam em alto e bom som: “QUEM SERÁ QUE SE AVIZINHA?” (FREITAS, 2011: s/p). Nesse momento, pode-se vislumbrar a história enquanto uma narrativa circular, que pode ser retomada do início assim que termina.

Constata-se nos movimentos dos leitores que a materialidade do livro e os aspectos que o envolvem (tipo de papel, tamanho da letra, formato, entre outros) têm possibilitado uma nova forma de interação do leitor com o objeto impresso. Essas novas possibilidades de

interagir com o objeto livro, muitas vezes, “solicitam a manipulação para a construção de sentido” (TABERNEIRO-SALA, 2016, p. 187).

Luca também se espanta com o tamanho do livro e se preocupa, questionando “Como faz?”, no afã de fechar o livro todo aberto em suas mãos, explorando as possibilidades de fechar as páginas até que encontra a maneira correta. Percebe-se pela (re)ação do menino que o projeto gráfico do livro aciona novas disposições do leitor frente ao objeto, fato já reiterado por Peter Hunt (2010).

Logo em seguida, Maria Lúcia também se aproxima e já toma para ela função de contar a história para os pequenos. Quando inicia sua leitura, já demonstra sua intimidade com o objeto livro e com os rituais que envolvem sua exploração, lendo, com a entonação que a pergunta instiga, o título do livro e apresentando seus autores, ações que nos condicionam a pensar na importância do mediador de leitura que antecipou esse momento.

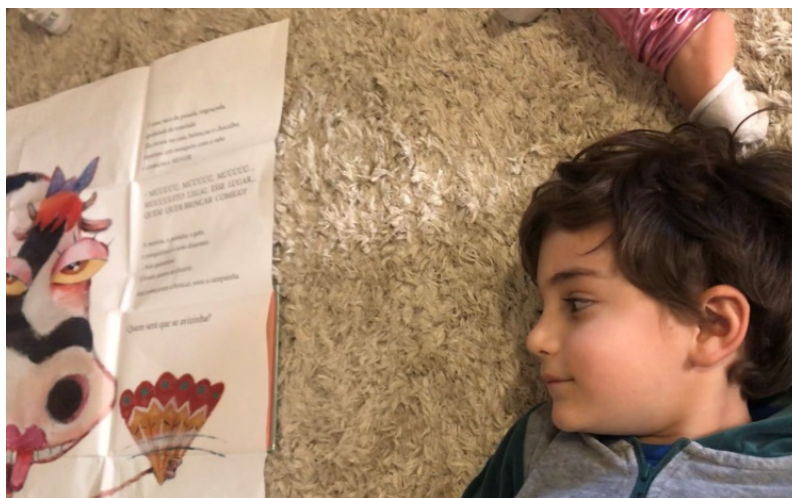
A sequência de leitura se efetiva como se Maria Lúcia apresentasse o livro a uma plateia, mantendo a postura de uma contadora de histórias, chamando a atenção para a “mágica”, assim como ela denomina a virada que dá abertura às páginas.

Figura 4: Maria Lúcia e Maria Gabriela compartilhando a leitura do livro



Fonte: Acervo das autoras.

E, enquanto a história que já lhe é conhecida agora é narrada por Maria Lúcia, Luca deita-se confortavelmente no chão:

Figura 5: Luca apreciando a leitura por outro ângulo

Fonte: Acervo das autoras.

Em certo momento da história, Malu encontra a imagem do lobo, que carrega uma cesta de doces e um pirulito na mão, e infere que “Não é mais a Chapeuzinho que leva os doces! É o lobo!”, mostrando que compreendeu a referência do conto de fadas na história narrada, dizendo ainda que o personagem é “esperto”, porque usa óculos; enquanto isso, Maria Gabriela quer antecipar a virada de páginas para encontrar novamente a vaca, notadamente, sua personagem favorita na narrativa.

Para Maria Gabriela, a abertura total do livro lhe dá a possibilidade de interagir com proximidade do objeto, aproveitando o espaço criado e passeando com as mãos e pés juntos aos personagens pela página agigantada.

Figura 6: Maria Gabriela descobrindo e explorando o livro.

Fonte: Acervo das autoras.

Maria Gabriela também se expressa de forma intensa quando percebe que, na ilustração, a vaca usa um laço na cabeça, assim como ela, e participa de toda a história reproduzindo os sons dos animais personagens.

João Gabriel, por sua vez, a partir de seu repertório de leitura, interfere ao final quando ao chegar perto, enquanto Maria Lucia finalizava sua leitura, espanta-se, perguntando: “Isso é um livro?”, e passa a também “folhear” o livro, guiado a dobrar as páginas e compreender a complexidade da arquitetura do objeto. Essa exploração própria também invoca a possibilidade coletiva da leitura compartilhada.

Figura 7: Maria Lúcia e João Gabriel explorando a materialidade do livro.



Fonte: Acervo das autoras.

Quando a última página é apresentada, João Gabriel infere que a imagem do livro aberto não é somente “um livro”, como disse Maria Lúcia, mas é “o livro”, e que é uma metalinguagem, explicando às crianças menores que a imagem dá a ideia de que o livro está dentro do livro.

Quando terminada a agitação da leitura coletiva do livro, Maria Gabriela retoma o livro para si e torna a lê-lo. Para ela, a campanha que inicia a história também se torna um interruptor de “luz” quando o aperta, e afirma que acendeu a luz antes da história. Explorando o livro de trás para frente, o que lhe chama a atenção, além da cor vermelha da folha de guarda, são as ilustrações dos elementos de brincadeira infantis; apontando alguns deles e os nomeando, e quando fecha o livro, exclama: “– Hummm, que legal!”. O leitor especula as entradas no livro, faz-se aprendiz das suas, ele “experimenta conteúdos, formas, efeitos,

materialidades, funções, nova disposição espaço-temporal, sonoridades, deslocamentos, levezas, fronteiras, limites, estranhamentos” (PAIVA, 2010, p. 95).

Figura 8: Maria Gabriela explorando as imagens do livro.



Fonte: Acervo das autoras.

E quando se esgota o tempo de exploração coletiva, Maria Gabriela também escolhe o “seu” livro para ler junto com os leitores maiores, folheando as páginas e narrando em voz alta.

O livro como objeto inventivo provoca a leitura compartilhada e a coautoria, como observam Belmiro e Almeida (2018, p. 165):

O aproveitamento de todo o projeto gráfico de um livro como instância narrativa denuncia que, antes de tudo, o livro é uma invenção. Assim, tanto sua existência como produto quanto criação artística se tornam explícitos, provocando humor e brincadeira nesse jogo de descobertas. O leitor, por outro lado, atua como coautor, participando da (re)construção da obra ao conciliar diferentes aspectos de sua constituição, a fim de resolver (ou, pelo menos, reconhecer) as ambiguidades criadas tanto na inter-relação de diferentes linguagens, quanto na estrutura narrativa.

Na construção brincante do livro, na provocação à leitura brincante, a faixa etária se desfaz, o livro se torna possibilidade de encontro para todas e todos, meninas e meninos que se enrodilham na brincadeira.

Conclusões

Quem quer brincar comigo? de Tino Freitas e Ivan Zigg, pela sua construção verbal, visual e material convoca o leitor à leitura inusitada, derramando pistas ao longo de suas páginas, aguçando o imaginário e exigindo, na medida do possível, um repertório alargado e/ou propiciando o alargamento desse.

A leitura de um artefato diverso do habitual exige outros protocolos e mobiliza o leitor a exercer o papel de detetive, buscando pistas e as decifrando; por outro lado, no papel de arquiteto é convocado a (des)construir o objeto livro ao desdobrar suas páginas.

Por suas características tão marcantes enquanto livro ilustrado, levando em conta o conjunto entre a palavra, a imagem e o projeto gráfico; pela apresentação tipográfica que engloba desenhos brincantes às letras, desde seu título, *Quem quer brincar comigo?* convoca o leitor para imergir em suas páginas junto à menina protagonista na narrativa. As páginas, cuja sequência escapa àquela linearidade esperada, agigantam a exploração tátil, possibilitando que o leitor pequeno com seu corpo adentre as páginas que se abrem, interagindo com o livro de forma sensorial. O objeto, por si só, já é convidativo à brincadeira quando a ele é acrescentada a linguagem literária das palavras e das imagens, a significação do livro (e da narrativa) também se agiganta, trazendo ao leitor a possibilidade de também crescer com ele, ampliando os sentidos sobre o texto e sobre a literatura.

O contexto de leitura aqui apresentado demonstra que crianças de diferentes idades interagiram com o objeto livro de forma múltipla e que o seu compartilhamento entre crianças de diferentes idades, em vez de inibir a ação, contribui para ampliação dos conhecimentos sobre o objeto a ser (re)visitado.

REFERÊNCIAS

BELMIRO, Celia.; ALMEIDA, Tatyane A. Livro ilustrado e as narrativas metaficcionalis para crianças. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 1, pp. 151-171, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n1p151/pdf>. Acesso em junho de 2020.

FREITAS, Tino. *Quem quer brincar comigo?* Il. Ivan Zigg. Belo Horizonte: Abacate, 2019.

_____. *Quem quer brincar comigo?* Il. Ivan Zigg. Belo Horizonte: Abacate, 2011.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEE, Suzy. *A trilogia da margem: o livro-imagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MENEGAZZI, Douglas.; DEBUS, Eliane. O design do livro de literatura para a infância: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo. In: DEBUS, Eliane; SPENGLER, Maria Laura P.; GONÇALVES, Fernanda. *O livro objeto e suas (arte)manhas de construção*. Curitiba: Mercado Livros, 2020, p. 15 -50.

PAIVA, Ana Paula M. *A aventura do livro experimental*. São Paulo: EDUSP; Autêntica, 2010.

SPENGLER, Maria Laura P. *Alçando voos entre livros de imagem: o acervo do PNBE para a educação infantil*. 2017. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TABERNERO-SALA, Rosa. O leitor no espaço do livro infantil: para uma poética da leitura a partir da materialidade. In: RAMOS, Ana Margarida. (Org.). *Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura*. Porto: Tropelias & Companhia, 2017, p.182-199.

Recebido em 06/04/21.

Aceito em 30/06/21.